A FOTOGRAFIA COMO PORTA DE ENTRADA: RELATOS DA RELIGIOSIDADE EM JUAZEIRO DO NORTE, CE

Marcelo Eduardo **Leite**¹
Leylianne Alves **Vieira**²
Carla Adelina Craveiro **Silva**³

Apresentação

O trabalho que aqui apresentamos tem como proposta construir uma reflexão situada na fronteira entre as áreas da Comunicação e da Antropologia, sendo que usamos para sua realização a metodologia da Fotoetnografia (Achutti, 1997), aliada à técnica da Foto-entrevista (Collier Jr, 1973) e, finalmente, procuramos também promover uma reflexão sobre questões da memória social e da religiosidade de uma comunidade específica do Nordeste brasileiro.

Desenvolvemos nossa pesquisa no Campus Cariri da Universidade Federal do Ceará⁴, dentro das propostas de atividade do Grupo de Pesquisa do CNPq Estudos Fotográficos. Iniciamos nossa incursão no campo da Antropologia Visual no final de 2011 e, em 2012, fundamos o Projeto de Extensão Laboratório de Narrativas Fotoetnográficas⁵. Nesse sentido, o projeto é híbrido, tendo ações de ensino, pesquisa e extensão. Com relação à sua relação com os segmentos não acadêmicos, a proposta buscou compreender processos diretamente ligados às transformações na cidade de Juazeiro do Norte, com ênfase nas mudanças de algumas práticas cotidianas. Primeiramente, realizamos levantamentos que apontaram para um rápido processo de mudança nas relações sociais e em algumas práticas tradicionais, tais como, relações comerciais, formas de produção e, até mesmo, as práticas religiosas. Algumas mudanças já configuradas, outras num processo de resistência.

No bojo das rearticulações do espaço da cidade notamos que as relações estabelecidas se configuram pelas ações que o homem elabora individualmente ou coletivamente. Sendo por meio das práticas transformadoras que se caracterizam suas formas de lidar com o meio, os valores que demarcam suas relações interpessoais, seus

¹ Universidade Federal do Cariri, Brasil.

² Universidade de Brasília, Brasil.

³ Universidade de Brasília, Brasil.

⁴ Em junho de 2013 o Campus Cariri tornou-se a Universidade Federal do Cariri.

⁵ Também participaram do projeto, na condição de bolsista da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Ceará, os alunos: José Julian de Souza, Luíza Adriana Amorim Emrich, Márcio dos Santos Feitosa e Vamille Araújo Furtado.

mecanismos de expressão, enfim, estrutura-se a condição cultural que é inerente a cada ser. Quanto a essa questão, a Antropologia, entre os diversos campos existentes, nos oferece um posicionamento com relação à interpretação da realidade cultural, considerando sua autonomia e capacidade de dizer sobre si por meio de elementos de sua história social, suas crenças, seus saberes e de tudo o que estrutura e se encontra expresso em seu cotidiano. A descrição e a interpretação dos processos de construção e troca simbólica de uma determinada sociedade permeiam os objetivos do fazer antropológico.

No intuito de aprofundar nossa reflexão sobre a religiosidade popular em Juazeiro do Norte, escolhemos um espaço cuja característica aponta para uma problematização entre novas e velhas demandas no espaço urbano, a Rua Caminho do Horto, muito próxima ao centro de Juazeiro do Norte. A área é dotada de uma ocupação formada por moradias populares, além de ser importante para algumas das manifestações religiosas que ocorrem na cidade. Por fim, a referida rua nos permite tanto o acompanhamento de mudanças sociais recentes, como também a resistência de algumas práticas que sobrevivem em meio à densa mudança de costumes.

Ao optarmos pela delimitação de uma rua como campo do nosso estudo a compreendemos como um lugar no qual seus sentidos estão intimamente atrelados aos seus acontecimentos, permitindo um resgate da memória social local por meio da escolha e do acompanhamento de seus personagens reconhecidos por nós como fundamentais para sua identidade. Assim, o âmbito do estudo é aquele no qual a configuração da sociedade não só se exterioriza, mas também onde ela formata o seu próprio sentido por meio de suas manifestações.

A Rua Caminho do Horto, primariamente concebida como percurso para se chegar até o alto da colina, hoje congrega um pouco dos paradoxos contidos nos processos contemporâneos da cidade. Na sua origem, a maioria da população deste espaço era formada por retirantes que buscavam em Juazeiro do Norte melhores condições, abandonando seus lares em outras regiões pra reconstruir sua vida. Terrenos íngremes começaram a ser apropriados por pessoas que queriam se sentir mais próximas da proteção do Padre Cícero, podendo o local oferecer a possibilidade de ali desenvolverem trabalhos, tais como produção de alimentos, de artesanato e comércio. A ramificação de sua ocupação deu origem ao Bairro do Horto. Quando vivo, Padre Cícero pedia insistentemente para a população ter alguma ocupação, nos seus termos,

cada casa deveria ter uma oficina e um altar. Em função disto, até hoje, parte das casas daquela região abriga artesãos e praticamente todas tem um altar na sua entrada.

Assim, nosso enfoque deu relevo a questões diretamente relacionadas à memória da comunidade local. Nossa proposta vislumbrou uma aproximação entre as possibilidades metodológicas da pesquisa fotográfica e nossa necessidade de melhor compreender os processos de transformações sociais que observamos na cidade, fortalecendo uma reflexão acerca de aspectos relevantes da memória social local, cuja importância é inquestionável.

O espaço de desenvolvimento da pesquisa

Propomos o uso da fotografia como ferramenta para a reflexão e entendimento de algumas transformações sociais observadas na cidade de Juazeiro do Norte, Cariri Cearense. Entendemos por práticas em transformação todas aquelas cujas formas de ação estejam hoje em mudança, como o caso de algumas estabelecidas historicamente, mas que em algumas ocasiões desaparecem, se modificam ou resistem. E, ao observarmos seu o espaço, vemos que elas são diversas. Juazeiro do Norte configura-se atualmente como um importante centro comercial e de serviços que atende, além do Ceará, parte da Paraíba, de Pernambuco e do Piauí. Sua população cresceu rapidamente nos últimos anos, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, ela passou de 212.000 pessoas em 2000, para 250.000 em 2010, sendo que, considerando sua área de conurbação com as cidades de Crato e Barbalha, o salto é de 364.000 para 433.000 habitantes (IBGE, 2011).

O objetivo específico da proposta foi desenvolver séries fotográficas em espaços públicos e privados da Rua Caminho do Horto, os quais possibilitem a representação de aspectos da identidade local que ainda se mantém, indicando a resistência de valores tradicionais. Ao mesmo tempo, as fotografias foram nossa maneira de obter um aprofundamento nos temas, sobretudo por meio de instrumentos como as foto-entrevistas, na qual a representação imagética é, num segundo momento, colocada diante dos retratados, buscando uma aproximação com relação aos seus saberes. Esse exercício elucida aspectos da realidade tanto para nós, pesquisadores, como para a própria população estudada, que tem a possibilidade de refletir sobre sua memória e identidade. O grupo aqui abordado será o que compõe os rituais religiosos, que ocorrem

nos espaços públicos e privados, de cunho católico, ligados diretamente à ocupação local.

O uso da fotografia na pesquisa

A fotografia configurou-se como importante mecanismo de compreensão das sociedades no século XX, sendo que sua vocação para tal explicitou-se com o surgimento da fotografia documental e, depois, com a sua aproximação com a Antropologia. O encontro dela com as pesquisas tidas como científicas foi demarcado pelo pioneirismo de alguns dos cientistas sociais que contribuíram para a construção da disciplina. No Brasil, alguns pesquisadores foram determinantes para o aprimoramento de novos métodos de pesquisa na área, dentre eles destacamos Luiz Eduardo Robson Achutti⁶, cuja principal contribuição foi realizar um trabalho no qual o uso da fotografia detém a especificidade de propor uma forma narrativa que não procura substituir ou competir com o relato oral e escrito, mas encaminha uma narrativa visual independente de outros suportes existentes (Achutti, 1997).

Fazendo uso do termo Fotoetnografia para nominar seu método, sua meta foi compreender os grupos estudados por meio das trocas de significado instauradas na experiência da observação e enunciar tal percepção por meio da expressão fotográfica. Sua proposta se fez pelo minucioso planejamento das etapas do trabalho, desde as idas ao local, passando pelas tomadas fotográficas, até sua edição e ordenação final, onde as fotografias assumem o foco principal na enunciação dos resultados da pesquisa. Porém, tal processo deve ser feito com critérios e configura-se em um longo processo de elaboração de uma descrição visual. Nesse sentido, o levantamento de dados numa etapa inicial, a observação da realidade cultural tomada como objeto de estudo e o planejamento, são imprescindíveis a proposta. Atrelam-se assim ao domínio da técnica fotográfica e à posterior sistematização de uma narrativa visual que constitui as informações etnográficas para uma nova tomada de posição na utilização da fotografia na pesquisa no campo.

Posteriormente, no sentido de travar uma aproximação com relação ao grupo estudado e no intuito de provocar um processo de discussão ligado à memória social dos indivíduos, usamos a foto-entrevista. Um tipo de entrevista feita a partir da apresentação

⁶ Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

de fotografias, utilizado com a finalidade última de facilitar o diálogo com o grupo estudado. A mesma permite uma conversa livre de fatores inibidores e, também, do constrangimento acarretado pelos questionários fechados (Collier Jr., 1973: 70). Outra questão relevante é o fato de que, com o uso da fotografia, seja possível conduzir um diálogo que evita que o entrevistado se desvie do foco da conversa, bem como permite que o conteúdo das fotografias feitas em campo pelo pesquisador se torne, efetivamente, parte do material coletado e, posteriormente, da literatura da Antropologia (Collier Jr., 1973: 72).

Entende-se que as fotografias feitas em campo apresentam grande valor de informação. No entanto, devemos admitir que o retorno proporcionado por elas traz elementos para a pesquisa que dificilmente poderiam ser percebidos apenas por meio do uso da imagem pelo pesquisador (Collier Jr., 1973: 68).

Portanto, nosso trabalho propôs a realização de séries fotográficas, como base de nossa aproximação etnográfica. Logo, o valor da fotografia não se resume ao mero registro e nem se restringe à função ilustrativa, estando ligada a sua possibilidade de acompanhamento do fenômeno e a organização posterior das questões observadas. Contribuindo para sua compreensão, não no sentido de reconstituí-lo totalmente, mas de estruturá-lo de uma maneira tal que os valores e significados culturais possam ser identificados e melhor apreendidos. É o que nos traz Milton Guran ao argumentar sobre o uso da fotografia na pesquisa de cunho antropológico, “não se trata, então, de compartilhar o enquadramento da realidade, mas, sobretudo, de prever (ou melhor, intuir) e captar um momento-síntese representativo de um aspecto do universo em estudo” (Guran, 2000: 6).

Inicialmente, a narrativa visual trazida pelas séries fotográficas permite ao pesquisador a identificação de detalhes e peculiaridades do fenômeno que não foram captadas na ocasião de sua ocorrência. Assim, tais informações podem ser relacionadas com as que ele possui, esclarecendo questões ou suscitando novos questionamentos. Esta identificação protagonizada pelo pesquisador relaciona-se a um processo de descoberta e constatação daquilo que passa a ser reconhecido como possuidor de valor cultural para a cultura estudada. Segundo Collier (1973: 72), “[...] a exigência da avaliação compreensiva de experiência de vida sugere o foto-ensaio como uma abordagem para a descrição antropológica, usando todo o sentido e a habilidade do observador-fotógrafo”.

As fotografias, uma vez submetidas ao olhar dos membros da comunidade, constituem-se numa identificação de natureza familiar, do reconhecimento dos fenômenos do ponto de vista daquele que o engendra. Logo, nesta identificação, o indivíduo expressa seus saberes acerca da realidade vivida, buscando atestar em seus relatos aquilo que o torna um membro do ambiente pesquisado. Esta se apresenta como uma oportunidade do pesquisador confrontar suas constatações e estranhamentos com a forma como os próprios pesquisados interpretam sua cultura.

A proposta se desenvolveu por meio da realização sistemática de séries fotográficas realizadas pelos alunos envolvidos no projeto, trabalho este acompanhado pelo coordenador. Num segundo momento esse manancial imagético deu espaço a um processo de reflexão coletiva sobre as imagens, permitindo aos envolvidos construir discursos sobre suas identidades num processo de reflexão da imagem do seu próprio universo.

Diante dos rituais da Rua Caminho do Horto

Procissão de Nossa Senhora das Dores

A procissão de abertura da Romaria de Nossa Senhora das Dores, que ocorre no dia primeiro de setembro de cada ano, é tradicionalmente iniciada em uma das residências da Rua Caminho do Horto. Por esta tradição, pode-se perceber o valor dado ao percurso realizado pelo Padre Cícero, ligando-o à tradição de Nossa Senhora das Dores. Acompanhamos desde os preparativos para a procissão, momento no qual a casa em que a imagem pernitoou começa e receber a comunidade, onde dá-se a montagem do carro andor e são distribuídas velas e bandeirinhas aos que vão acompanhar a procissão até a chegada da mesma à Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores, no centro da cidade de Juazeiro do Norte.

Figura 1

Figura 2

Figura 3

Rosalva da Conceição Lima, alagoana de 93 anos de idade, mais conhecida como Dona Rosa, reside àquela rua há cerca de 50 anos. Ao observar a Figura 1, ela relembra algumas das características desse dia festivo para a comunidade, no qual os moradores se voltam para eventos em torno na imagem de Nossa Senhora das Dores:

[...] passa o dia aqui na casa da pessoa, quando é de noite se junta todo mundo e nós sai em procissão, o padre vem pra ir mais a gente, soltando folgo, cantando, a gente sai nessa animação muito bonita. Tanto o primeiro... a primeira noite da Festa de Nossa Senhora que é em setembro, que é as quinze noites, no mês de setembro, como em maio também, começa daqui da Rua do Horto. (Rosalva da Conceição Lima)

Maria Aparecida da Silva, uma das ‘tiradeiras de renovação’⁷ da comunidade, dá relevo a um dos principais motivos que leva as famílias a se candidatarem a receber a imagem de Nossa Senhora das Dores, ornando o carro andor e dando início à procissão:

[...] aqui é um momento muito importante na nossa vida, de nossa padroeira visitar nossa comunidade, e que a abertura seja, saia daqui, de qualquer uma de nossas casas, de nossa vizinhança, de nossos vizinhos. Às vezes tem pessoas que fazem promessa pra Nossa Senhora sair da casa deles, né? Quer pagar a promessa. Aí, é um momento assim importante da nossa vida. (Maria Aparecida da Silva)

A imagem de Nossa Senhora detém valor inestimável para os moradores desta região. Maria Aparecida relata (Figura 2) a recepção da imagem por parte da comunidade. A interação se dá no dia anterior à procissão, momento no qual a santa chega à casa onde deve pernoitar, o decorrer do dia do evento, uma vez que o mesmo é realizado sempre no final da tarde:

⁷ Tirador ou tiradeira de renovação é a pessoa responsável por fazer com que a Renovação do Coração de Jesus seja seguida com base na tradição, entoando os benditos e rezando as orações conforme estabelecido em pequenos livretos confeccionados pela igreja católica.

E o pessoal fica esperando a chegada dela à noite, ela vem no sábado pra descer no domingo. Aí todo mundo, a comunidade, fica esperando na casa dela. Quando chega solta muitos fogos, reza terço, o dia inteiro ela é visitada na casa e até a hora da saída, não falta ninguém nos momentos de oração. Não falta ninguém durante o dia e na chegada dela de noite. Tem pessoas onde ela chega, na casas que vai ficar, tem pessoas que nem dormem, fica a noite todinha de vigília com ela, os donos da casa nem dormem, ficam de vigília, porque é uma imagem muito antiga e eles tem medo que alguém furete ela, né?! (Maria Aparecida da Silva)

Sobre o momento da caminhada (Figura 3) empreendida no dia primeiro de setembro, Luís Possino Xavier, morador ligado às manifestações da igreja católica e ‘tirador de renovação’, destaca a presença de faixas e cartazes e a ligação dos mesmos com a cotidianidade do local:

A comunidade se organiza, né? A gente cria essas faixas, a igreja, a comunidade, logicamente a pastoral da igreja e pastoral da comunidade, a gente aqui organiza as faixas da Santa Clara [...] Aqui está só um banner, né? Parece que é, é o banner de Santa Clara. E nessa festa também a gente estava com o banner da minha comadre que tinha falecido recente também, comadre Zélia, muito lembrada porque também era de caminhada. (Luís Possino Xavier)

Figura 4

Figura 5

Figura 6

Os moradores têm uma forma de se preparar para a passagem da procissão. Eles transferem as imagens e as velas dispostas nas mesas da sala para as janelas e calçadas das casas. Assim, demonstram sua acolhida ao rito inicial da festa da Mãe das Dores. Conforme o andor passa com a imagem da santa, eles vão deixando suas casas para segui-lo. Diante da Figura 4, Aparecida diz:

Aqui é quando Nossa Senhora passa, que eles prestam uma homenagem à Nossa Senhora colocando uma toalha na janela, uma mesinha... eu coloco na janela, acendo uma luz, deixo tudo prontinho aí, a gente vai embora na procissão e fica aí a velinha queimando, deixa os santos aí na janela. Aí todo mundo... a maior parte do pessoal tem esse ritual assim de colocar flor na janela, colocar uma imagem de Nossa Senhora das Dores, uma imagem de São Francisco, uma imagem de Nossa Senhora das Graças, qualquer uma imagem. Uma vela acesa. Tem deles que colocam aquelas lamparinas na parede. (Maria Aparecida da Silva)

No decorrer da procissão são feitas algumas interrupções, geralmente na casa que abrigou a santa no ano anterior ou por pedido da família, se houver algum motivo especial. No caso desta parada representada na Figura 5, os motivos coincidiram.

É na casa de Dodô, nós passemos lá e paremos pra fazer um momento de oração pela perda do filho dele. A gente vinha descendo lá de cima, paremos um pouco pra fazer um momento de oração. Foi nesse momento aqui que a gente parou e o padre pediu para que rezassem uma ave-maria pela família, então está aqui a família... eu num to vendo...ah, sim, aqui está o irmão dele, a mãe dele está aqui e o pessoal todo com a mão colocada sobre a casa deles rezando uma ave-maria. Isso aqui lembra esse momento de sentimento, momento de oração pela família. (Luís Possino Xavier)

No itinerário da procissão vão se juntando grupos vindos de outras partes da cidade. A rua vai ficando mais apertada e as calçadas íngremes deixam de ser um obstáculo. Enfrentar o percurso significa fazer um sacrifício em nome da fé e da crença de que a padroeira é quem os conduz para um lugar melhor. A procissão de abertura, Figura 6, emociona os moradores da Rua Caminho do Horto, pois, por ela, eles se sentem integrados à maior romaria que a cidade abriga.

Então tá aqui, como você vê, a contemplação da multidão, né? Da Rua do Horto, que já ia em grande número de gente aqui [...] e aqui justamente foi a passagem diante da Santa Clara, está aqui Nossa Senhora. E são momentos de alegria, de muita alegria dessa participação, dessa caminhada com o povo da comunidade da Rua do Horto, muito bem lembrado. (Luís Possino Xavier)

Renovação

São estreitas as fachadas da maioria das casas, pelas janelas e frestas podem ser vistos os altares votivos, suas flores e cortinas. Em uma delas, a de Maria, no início da Rua Caminho do Horto, o dia onze de setembro tem um significado especial, é dia de receber os amigos e evocar coletivamente a fé no Sagrado Coração de Jesus, é o dia de sua renovação.

Possuir a imagem, colocá-la na sala e celebrá-la todos os anos em uma data fixa significa, para os devotos, ter o próprio nome escrito no coração sagrado, deter a garantia de sua proteção. Em 2013, a “reza do Coração de Jesus” aconteceu na casa de Maria, conhecida na comunidade como Mariinha, pela quinquagésima sétima vez. Padre Cícero foi o responsável por introduzir e incentivar essa devoção entre os seus romeiros; ensinamentos que os fiéis ouviram de seus pais e avós e ainda hoje sustentam.

As paredes podem ganhar uma demão a mais de tinta, providenciam-se uma moldura ou uma cortina nova, preparam-se as comidas, cada detalhe em prol daquele que é, para os fiéis, o verdadeiro dono da casa.

Familiares, amigos e vizinhos são convidados a ocupar a sala, onde o rezador ou a rezadeira inicia a celebração. São três momentos que a compõem, a abertura com a acolhida, as orações pelos falecidos e ausentes junto com a oração pela família e os benditos seguidos da benção final. Luís Possino estava presente na renovação da casa de Mariinha. Ao ver a Figura 7, ele recorda:

Esse momento aqui, em que o momento, é o que dá início à celebração, eu costumo chamar celebração porque pra mim tudo aquilo que é momento de oração é celebração. [...] Esse aqui é o momento assim da abertura, que eu costumo fazer essa acolhida antes da renovação, eu convido sempre a dona da casa pra acender a vela. Tem rezador de reza que chega e já acende a vela, eu não, gosto de chamar a dona da casa pra acender a vela e gosto de chamar a família também pra ficar presente. Porque é importante a família estar presente no momento. Acho que vocês já viram uma renovação sendo celebrada, e você vê que tem um momento que diz assim: “não devendo faltar no lar, em oração solene e feliz, a presença da família e a lembrança dos mortos muito amados”. (Luís Possino Xavier)

Figura 7

Figura 8

Figura 9

Outras imagens emolduradas de santos católicos também fazem parte do altar, a disposição delas é decidida pela família, exceto o lugar do Coração de Jesus e do Coração de Maria, estes devem estar sempre centralizado na parte superior. O quadro é colocado na parede da casa no momento da primeira celebração. Enquanto observa a Figura 8, dona Rosa explica a diferença entre a intronização e as renovações.

Bota a imagem aqui na mesa, marca um dia, se for no dia que você nasceu: “Eu quero fazer no dia que eu nasci”. Se for no dia que você se casou. Aí é só você faz naquele dia. Aí a imagem, se é a primeira vez, a imagem fica na mesa, aí o... já tá benta que o padre benzeu, se tá, na hora benze. E, aí, quando é na hora canta um bendito de botar... subir lá pro altar. Aí bota, aí vai rezar a consagração. Chama-se intronização, a primeira. A primeira é intronização. Aí depois fica as renovações, renovando todo ano. (Rosalva da Conceição Lima)

A devoção mariana também está incluída no rito da renovação. Para os fiéis, o Coração de Jesus e o Coração de Maria são inseparáveis, na maioria das imagens, eles compõem o mesmo quadro, como ocorre na casa de Mariinha (Figura 9).

A dona da casa tem esse cuidado especial, né? Tem que preparar o altar. A minha esposa lá em casa ela prepara, se não for na véspera, mas de manhazinha, cinco da manhã, ela está ajeitando a mesa do altar, que é pra ficar a mesa o dia inteiro. A gente compra um arranjo, né? Lógico, quem pode comprar, quem não pode ajeita qualquer flor, ajeita um arranjo bonito e coloca no altar que é para o Coração de Jesus e o Imaculado Coração de Maria, porque nós católicos, graças a Deus, não temos Jesus sem Maria, nem Maria sem Jesus. Então por isso que a gente faz a renovação do Coração de Jesus e no final a gente faz a consagração do Imaculado Coração de Maria. (Luís Possino Xavier)

Figura 10

Figura 11

Figura 12

Neste dia, o valor de representação exercido pela imagem emoldurada vai além do sentido de ornamentação e de afirmação de crenças. Para os fiéis, as homenagens voltadas à imagem não apenas fazem recordar um credo, elas permitem que a presença daquele no qual creem se faça mais forte no dia de sua festa, como se houvesse uma materialização da divindade pra quem direcionam suas orações. Por esse motivo, relata

Luís sobre a Figura 10, é importante estar concentrado e também respeitar os instantes de silêncio.

[...] lógico que ele está todo dia em nossa casa, em nosso coração, mas esse dia é especial. Então como ele disse que o nosso nome está gravado no coração dele, então acreditamos que nesse dia ele vem receber, ele vem estar presente. Tá a rezadeira, tá o rezador, o tirador de renovação, mas quem está presidindo é ele. Essa é a nossa fé, o nosso dogma de fé, a nossa confiança, a nossa esperança e a nossa crença que nesse dia o Coração de Jesus está presente de verdade, presente em nosso lar, por isso que é bom o silêncio. (Luís Possino Xavier)

Além da leitura de orações, os cânticos e a gestualidade diferenciam os momentos que fazem parte da renovação. Embora não haja um repertório fixo, alguns deles são recorrentes durante o festejo. O tirador é acompanhado pelos convidados na hora dos benditos, que homenageiam o Coração de Jesus e o de Maria, o Padre Cícero e outros santos de devoção da família. Ele é responsável por “puxar os vivas” na fase final, na qual todos ficam com os braços levantados e posteriormente aplaudem. Sobre a Figura 11, dona Rosa e Aparecida relembram:

Eu num... Eu num... num escolho, não. É o que vem no juízo a gente diz. Num escolho não, bendito, não. “Queremos Deus”. Qual é o outro? “Coração Santo”. O que mais? Sempre mais é esses, que é mais... todo mundo canta. (Rosalva da Conceição Lima)

Aqui é a hora dos viva, já. [...] Estão tudo de mão levantada... Mas aqui é um momento de alegria porque mais uma celebração do Coração de Jesus foi realizada, né? É assim: “Por este ano, nós estamos realizando a última renovação do ano da minha casa, que para o ano esteja todo mundo aqui de novo. Vamos dar viva ao Coração de Jesus!” E aí dá viva ao Coração de Jesus, tem gente que diz assim “viva o café e a bolacha!” Aí esse momento dos viva, aí pronto, o coração cheio de alegria que realizou mais uma renovação na família. (Maria Aparecida da Silva)

A renovação é para os donos da casa uma oportunidade de dividir com os convidados as bênçãos recebidas no decorrer do ano, agradecer por elas e fazer novos votos. Congregam-se, pois, o fechamento e o início de um ciclo na vida da família. Os laços entre os moradores ainda têm os ritos religiosos enquanto fundamento, assim, no dia da “reza” os muros que resguardam a intimidade são suspensos em nome do ideal de partilha que entre eles se sustenta. No entanto, alguns observam que há grande dificuldade em fazer com que essa concepção se mantenha. As novas gerações não estariam vendo sentido em aprender e em participar das rezas. Ao observar a Figura 11 e falar sobre os tiradores da comunidade, dona Rosa lamenta, “Aparecida tá cansada,

cumpade Luís também tá cansado. Tão se aperreando por gente prá cantar. E a mocidade não quer aprender a cantar. [...] Tão bom que é cantar [...] Sacanha de ler, sacanha de cantar.” (Rosalva da Conceição Lima).

Depois dos vivas e da benção final é a hora do “café do santo”. Nenhum convidado pode deixar de participar dele e de levar um pouco para sua casa, sob pena de estar fazendo desfeita com o Coração de Jesus. A respeito da Figura 12, Aparecida diz:

Aí aqui o café é partilhado... que, diz que dizem assim, quem vai pra renovação do Coração de Jesus não pode sair sem tomar um pouquinho de café e comer uma bolachinha, não pode sair seco, seco, quer dizer que é pra partilhar, pra compartilhar da alegria do dono da casa, do café do Coração de Jesus e da bolachinha do Coração de Jesus. (Maria Aparecida da Silva)

Segundo os ensinamentos de Padre Cícero, café, chá e bolacha seca deveriam ser os únicos alimentos servidos. Ainda há os que seguem tais preceitos, porém, muitas famílias fazem modificações no cardápio do lanche de acordo com o horário da renovação e com o que sua renda permite.

A tradição antiga do Coração de Jesus é assim, porque tem pessoas que usam refrigerante, então muitos não aceitam refrigerante, porque refrigerante é pra aniversário, é pra casamento. Mas a tradição da renovação é o café do santo e o chá, é a tradição, a antiga é essa. (Maria Aparecida da Silva)

Embora concorde com as palavras do padre, Luís Possino acrescentou outras opções ao “café do santo” em sua renovação. Ele relata que decidiu mudar porque percebeu que assim deixaria os convidados mais à vontade.

É porque as coisa vai se modernizando, a cada tempo, a cada... né? E tem que acompanhar, também. Hoje, se você servir só café e chá nas renovação, muitas pessoa merendam, faz o lanche, mas muitos chegam ‘não, eu quero café pra quê? Tá fazendo calor’. Outros ‘eu não gosto do chá’. Não é assim? Aí pega a quentinha ou o pratinho de bolo e vai simhora. Mas isso que é que é bonito. O café, o chá. Sabe? A bolacha, o sequilho. O bolo, né? (Luís Possino Xavier)

Percebem-se as negociações que são realizadas entre os moradores da Rua Caminho do Horto. Ora afirmam aspectos de seus ritos e almejam por ter quem os perpetue, ora abdicam de algo que faz parte deles, recosturando, dessa forma, a tessitura social que os legitima enquanto comunidade.

Novena de Santa Clara

Este evento anual foi instituído a partir da construção da Capela de Santa Clara na Rua Caminho do Horto. A partir de então foi estruturada a comunidade de Santa Clara, a qual participa de eventos organizados em toda a cidade, mas especialmente naquele bairro. Uma das principais festas organizadas na capela é a Novena de Santa Clara, indo a mesma de dois a onze de agosto. Dos nove dias de festa, estivemos presentes em três: a abertura, um dos dias intermediários e o encerramento.

Tanto o primeiro quanto o último dia foram celebrados ao ar livre, em missa campal em frente à capela, tendo sido montado ali um altar. Já os dias intermediários foram celebrados em um Salão Paroquial da comunidade. Em todos os dias a presença dos moradores foi significativa. Porém, destacamos que no encerramento outras comunidades se uniram àquela, especialmente por conta da procissão que se deslocou desde o topo da colina até a capela, localizada no início da mesma.

Figura 13

Figura 14

Figura 15

Quando observamos a Figura 13, mais uma vez nos deparamos com a presença de cartazes que identificam a comunidade. Esta pequena procissão deu início aos trabalhos da Novena de Santa Clara. O evento é organizado pela Irmandade de Santa Clara e conta com a participação do Grupo de Jovens da comunidade. Sobre o início dos trabalhos ali, fortemente relacionado com a sua família, Maria Aparecida relata:

Quando era a capelinha antiga, não tinha, não tinha novena, não tinha nada. Então, depois que foi feita a Capela de Santa Clara, que foi feita uma promessa que um senhor de Juazeiro pagou, que queria fazer a capelinha de Santa Clara, aí foi que começou o trido de Santa Clara. Mas assim, através do meu filho Rosivaldo, porque ele, o senhor que fez a capela colocou ele pra tomar de conta da capela, pra zelar da capela, receber as pessoas que vinham pagar promessa. E ele com catorze anos de idade, ele teve a ideia de criar um grupo de jovens, por nome Santa Clara [...] Então as pessoas foram dando apoio a ele e foi formando um grupo de jovem, aí então ele teve a ideia de fazer o trido, combinou com o padre Murilo pra fazer o trido de Santa Clara, então desse tempo pra cá, dessa ideia que ele teve, até hoje. Até hoje a gente vem, aí de trido passou pra novenário, que hoje nós temos nove noite de novena de Santa Clara. Temos a abertura, e temos as nove noites de novena e o encerramento. (Maria Aparecida da Silva)

Quanto à divisão dos espaços para a Novena, se mostra uma questão mais de segurança que mesmo por opção da comunidade. O movimento de veículos na rua é intenso, tendo em vista que parte dos moradores do bairro trabalha no centro de Juazeiro do Norte e a rua principal é a via mais usada para os diversos deslocamentos. Sendo assim, por decisão dos representantes da igreja, a festa passou a ter cinco noites no interior do Salão Paroquial e apenas duas em frente à capela. Sobre a lida com o palco que sustenta o altar e a ornamentação (Figura 14), Luís Possino comenta:

E esse altar é um sufoco, pra gente tirar essa madeira. Mas todo mundo ajuda. Ajuda. Não é só quem é do núcleo. Nesse momento um carrega uma coisa, outro carrega outra. Eu vi até mulher gestante, ajudando a carregar tábua, carregando pedaço de ferros pra guardar. Então, todo mundo ajuda. Tem que desmontar tudo, porque não pode ficar, não é? As meninas da... da ornamentação, elas fazem muito bonito. [...] Estava lindo a... a capela, não é? Pena que a gente não pode fazer essa festa de Santa Clara, o novenário todo lá. (Luís Possino Xavier)

Ao longo de todos os dias da novena, um grupo monta a quermesse. Neste local são vendidos diversos tipos de comida. Exceto a massa para o pastel, todos os outros itens são doados pela comunidade ou por comerciantes e fábricas da cidade. Todo o valor obtido é convertido para a manutenção da própria capela. O local escolhido para montar as mesas é a calçada da Casa de São Bento. Sobre este momento (Figura 15) e o apoio dado pela comunidade, Maria Aparecida tece o seguinte comentário:

Aqui é a Casa de São Bento, é a festa da, aqui é a quermesse. Então aqui é o momento que já tem terminado as missas, já tem terminado os louvor, né? Então o pessoal vai comprar alimentos pra comer, mugunzá, vatapá, pastel; pra ajudar nos trabalhos da capela e do salão, catequese. Quem pode ajudar a comunidade aí faz esse esforço pra ajudar no que pode, né? Comprando os alimentos da quermesse pra ajudar os trabalhos da capela. (Maria Aparecida da Silva)

Figura 16

Figura 17

Figura 18

Todas as noites da novena são iniciadas com uma pequena procissão. Em geral, a imagem é levada nas mãos pelos noitários, a família que acolheu a imagem na noite anterior. No caso aqui apresentado nos deparamos com uma noite na qual a procissão reuniu fiéis de mais de uma comunidade, bem como a presença de um carro andor se destaca em relação às outras noites. Porém, em meio à festa (Figura 16), Luís Possino aponta alguns dos problemas enfrentados pela organização:

Essa foi a noite lá da... Pedra do Joelho, me parece. Que vinha um carro, né? Fazendo uma animação, né? Dando vivas e vivas a Nossa Senhora. [...] Noite bonita. Não lembro qual foi essa noite aqui. [...] Eu só participava da missa quando eu tava no altar. Quando eu não tava no altar, eu não participava da missa. Porque tem sempre o que você olhar. Tem sempre o que você ajudar. [...] Eu dava viagem na capela. Às vezes a missa terminava e eu tava andando. Entendeu? Muitas noites. (Luís Possino Xavier)

O encerramento da Novena é marcado pela emoção. Apesar de todo o trabalho realizado durante a semana, de todas as noites de festa, no momento final a participação popular atinge seu auge. A procissão, vinda desde um ponto posterior à Estátua do Padre Cícero, faz com que os fieis desta comunidade e das vizinhas se desloquem, cantando e rezando por todo o caminho. À chegada, fogos de artifício e chuva de papel picado. Segundo Maria Aparecida, este é um momento de emoção e agradecimento:

Aqui é o dia esperado. As pessoas choram, se emocionam quando vê aquela procissão descendo, com aquele pessoal, aqueles os motoqueiros tudo buzinando de moto, aí é um momento esperado esse aqui. Momento de agradecimento, de agradecer às pessoas que ajudaram, agradecer aos padres que celebraram missas, agradecer às pessoas que participaram nas flores, que ajudaram na quermesse, que ajudaram na limpeza, é o momento mais esperado é o encerramento, e a procissão também. A procissão que vem de lá de cima do Horto, muito bonita, muito bem acompanhada, é o momento que a gente, as lágrimas descem dos olhos, é esse aqui, é o momento. (Maria Aparecida da Silva)

Já Luís Possino lembrou a primeira vez que foi à Festa de Santa Clara e as percepções que tem sobre a mesma:

O primeiro ano que eu vim assistir a festa de Santa Clara, quando ela chegou, na frente do andor, aí descendo, com tanta gente, me deu uma emoção tão grande que eu chorei. É porque eu sou devoto muito da Mãe de Deus, de Nossa Senhora das Dores. Então, Santa Clara, na procissão dela, ela me lembra muito Nossa Senhora das Dores. Sempre. E o povo capricha. O povo capricha. É... sempre fica bonito. Eu costume dizer assim: 'Toda festa de Santa Clara é bonita'. (Luís Possino Xavier)

O encerramento oficial da festa foi feito com uma representação teatral organizada pelos jovens da comunidade. Representando Santa Clara de Assis, São Francisco de Assis e o Papa Francisco, os jovens cantaram e dançaram em frente ao altar. Maria Aparecida faz a seguinte avaliação acerca do encerramento:

O momento de Clara e Francisco fazendo uma representação, foi um momento que todo mundo gostou, aplaudiu. Todo mundo ficou contente, satisfeito, né? Foi muito bom o encerramento. Foi um momento muito louvável, um momento aconchegante de encerramento. (Maria Aparecida da Silva)

Por fim, Luís Possino avalia a participação da comunidade, o encerramento da festa e a representação dos jovens:

Nos momentos de Novenário, nos momentos de... de celebrações, sempre tem muita gente. Está aqui a prova disso. Da religiosidade da nossa comunidade. Do caminho do Horto. Né? Esse caminho que tantas vezes meu padrinho também passou. Né? E que nos deixou essa devoção, essa religiosidade grandiosíssima, à Mãe das Dores, a Meu Padrinho e especial a Nosso Senhor Jesus Cristo e aos santos da Igreja Católica Apostólica Romana. Nós temos muita festa em Juazeiro. Não somente de Santa Clara. [...] O pessoal participa, reza, chora. Sempre nas noites de festa você vê pessoa chorar. De emoção. Inclusive na chegada da procissão de Santa Clara, na noite... na última noite, na noite da procissão, que ela vem lá de cima. E muito bom representado aqui Francisco e Clara.

Considerações finais

A cidade de Juazeiro do Norte, hoje, é espaço de acontecimentos que a diferem dos tempos da sua origem. Atualmente, ela tem uma inegável importância como polo comercial para essa região do Nordeste, habilitação que cresce a cada dia. Por outro lado, seu papel de cidade santa, para a qual peregrinam milhares de romeiros anualmente não diminui. Assim, vemos a coexistência paralela de mais de uma cidade. A Rua Caminho do Horto, por seu processo histórico, é aquela onde podemos ver ainda uma grande articulação de práticas tradicionais, manifestações reconfiguradas dos processos rituais enraizados na cultura local por Padre Cícero.

Nossa aproximação se guiou pelos passos dos próprios fiéis, tanto no processo de construção das séries fotográficas, como na elaboração de um sentido acerca dos próprios eventos imagetivamente representados. A junção da Fotoetnografia (Achutti, 1997) e da Foto-entrevista (Collier Jr., 1973) se fez extremamente pertinente, sobretudo, por permitir duas maneiras complementares de mergulhar na realidade estudada, uma encontrando os caminhos diante da realidade observada e a outra no processo de compreensão desta mesma realidade.

Como os próprios moradores relataram em algumas falas, os rituais estão em plena mudança. Isso pode ser percebido na relação com o fazer de cada um deles, bem como, na mudança no ambiente no qual acontecem, havendo, por exemplo, a disputa por espaços durante algumas manifestações que ali ocorrem, pois, pode-se observar agora uma intensificação do trânsito nos locais. A relação com o tempo também mudou, assim como se modificou o consumo dos alimentos oferecidos nas festas e a divisão das

funções no processo de organização das festividades. Pode-se compreender que, mesmo diante dessas transformações, a Rua Caminho do Horto se apresenta como espaço de resistência diante de uma acelerada mudança de hábitos e de formas de relação com os sentidos fundadores da localidade.

Referências

- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. *Fotoetnografia: um estudo de Antropologia Visual sobre cotidiano, lixo e trabalho*. Porto Alegre: Tomo Editorial; Palmarinca, 1997.
- COLLIER Jr., John. *Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa*. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1973.
- GURAN, Milton. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Vol. 10, n. 1. Rio de Janeiro: UERJ, 2000.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010: resultados do universo (Banco de Dados)*. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

Recebido em: 23/10/2015.

Aprovado em: 26/12/2015.